

A Bifurcação do Tempo

FISSO

Sumário

Capítulo 1: O Início de Tudo

Capítulo 2: A Revelação

Capítulo 3: O Dispositivo e o Futuro

Capítulo 4: Conflito Familiar

Capítulo 5: O Fardo da Excelência

Capítulo 6: Decisões Cruciais

Capítulo 7: A Decisão de Márcio

Capítulo 8: Escolhas e Sacrifícios

Capítulo 9: A Verdade Oculta

Capítulo 10: O Futuro Está em Suas Mãos

Parte 1: O Despertar da Consciência

Capítulo 1: O Início de Tudo

"O Despertar de Márcio"

O som agudo de batidas ritmadas ecoa pelo pequeno apartamento, interrompendo o silêncio opressor da madrugada. Márcio, deitado em um colchão que parece mais duro do que deveria ser, acorda sobressaltado. Seus olhos, pesados de cansaço, piscam repetidamente enquanto ele tenta discernir a origem do barulho. O quarto está mergulhado em penumbra, iluminado apenas pela luz azulada do computador ainda ligado em sua mesa de estudos, onde equações complexas e diagramas elétricos preenchem a tela.

As batidas na porta continuam, insistentes, como se quem estivesse do outro lado soubesse que ele estava ali, acordado, mas hesitante em responder.

Márcio respira fundo, passando a mão pelo rosto suado e desgastado. Ele vira a cabeça para o relógio digital na mesa de cabeceira: 3:47 da manhã. Uma irritação surge instantaneamente em sua mente, misturada com um cansaço físico quase paralisante. “Quem poderia estar à porta a essa hora?”, ele pensa, seus pensamentos embaralhados pelo sono interrompido e pela exaustão mental. Era a quarta noite seguida que ele varava as madrugadas estudando para o exame de sistemas eletrônicos avançados, o mais desafiador do semestre. Não havia espaço para falhas, não para ele. Falhar não era uma opção.

Ele se senta na beirada da cama, os músculos do corpo protestando em dor. A cadeira ao lado da mesa está coberta com livros de física quântica, anotações de circuitos, e uma pilha crescente de problemas não resolvidos que ele precisa dominar em poucos dias. A pressão é sufocante, mas familiar. Desde sempre, Márcio foi o orgulho da família. O "gênio" que nunca podia errar. O filho que seus pais, amigos e até professores viam como o próximo grande nome da engenharia. Sua mãe costumava dizer que ele carregava "o destino da família nas costas". Seu pai, sempre um homem de poucas palavras, apenas assentia, como se fosse óbvio que Márcio conseguiria. Ele sempre conseguia.

Mas, à medida que os anos passaram e as expectativas aumentaram, Márcio começou a sentir o peso desse fardo. Cada conquista trazia

uma nova demanda. Cada sucesso vinha acompanhado de uma pergunta não verbalizada: "E o próximo?".

As batidas na porta, agora mais urgentes, o arrancam de seus pensamentos. Ele se levanta, os pés descalços tocando o chão frio do apartamento. A atmosfera opressora do quarto o acompanha enquanto ele atravessa a pequena sala. Cada passo é pesado, como se ele estivesse caminhando contra uma corrente invisível de cansaço e dúvida.

A sensação de exaustão está estampada em seu rosto quando ele passa por um espelho pendurado no corredor estreito. Ele mal se reconhece. As olheiras profundas contrastam com sua pele pálida e a barba por fazer reforça o aspecto desleixado de quem já não tem tempo para si mesmo. Seu reflexo o encara, como um lembrete silencioso de tudo o que ele

sacrificou: noites sem dormir, momentos que poderia ter passado com os amigos, e telefonemas para os pais que sempre terminavam com promessas adiadas de visitas "quando o semestre terminar".

Ele chega à porta. Uma sensação estranha de inquietude se apodera de Márcio. Seu coração, antes batendo lentamente no ritmo da exaustão, agora acelera. Quem quer que esteja ali, sabe que ele está acordado. Ele coloca a mão na maçaneta, hesitante, como se seu subconsciente estivesse tentando avisá-lo de algo que sua mente cansada não conseguia processar.

Finalmente, ele gira a maçaneta, abrindo a porta com um rangido que parece ressoar em sua mente. Do lado de fora, iluminado apenas pela luz fraca do corredor, está um senhor de aparência frágil, encurvado pela idade,

vestindo um casaco pesado e surrado. Seu rosto, enrugado e marcado pelo tempo, tem uma expressão indecifrável, quase melancólica, mas há algo nos seus olhos que faz Márcio congelar no lugar. Eles são incrivelmente familiares.

O velho não diz nada por alguns segundos, apenas observa Márcio com um olhar intenso e profundamente conhecedor. Aqueles olhos parecem ver através dele, como se já soubessem o que ele estava pensando. Márcio sente um calafrio subir por sua espinha. Há algo de desconcertante naquele homem.

— Você é Márcio, não é? — O velho finalmente fala, sua voz rouca e cansada, mas firme. Ele não espera por uma resposta, como se já tivesse certeza de quem está diante dele.

Márcio apenas balança a cabeça, ainda tentando compreender a estranheza da situação. Como aquele homem sabia seu nome?

— Eu tenho um recado para você. — O velho continua, dando um pequeno passo à frente, como se a urgência de suas palavras fosse maior do que o protocolo de conversas educadas. — Um recado... que pode salvar sua vida.

O sangue de Márcio gela. As palavras do homem, ditas de forma tão direta e sem emoção, reverberam dentro de sua mente como um eco sombrio. De repente, todo o cansaço que ele sentia, toda a pressão dos estudos, dos exames, dos sonhos e expectativas, parecem pequenos em comparação à estranha gravidade daquela declaração.

— Quem... quem é você? — Márcio finalmente consegue perguntar, sua voz hesitante, como se ele já soubesse, de alguma forma, que a resposta seria mais perturbadora do que ele estava preparado para ouvir.

O velho ergue o olhar, e naquele momento, os olhos deles se encontram em um silêncio absoluto. Márcio sente um calafrio atravessar seu corpo.

— Eu sou você, Márcio — responde o homem, em tom grave. — Eu vim do futuro para impedir que algo terrível aconteça.

O choque o atinge como uma descarga elétrica.

Introdução à Vida de Márcio

A exaustão de Márcio não era apenas um reflexo de noites mal dormidas ou da carga acadêmica que parecia crescer exponencialmente a cada semana. Ela era algo mais profundo, mais enraizado, que havia se acumulado ao longo dos anos. A cada novo sucesso acadêmico, a cada novo elogio, ele sentia como se estivesse sendo empurrado um pouco mais para a beira de um precipício invisível. Sua vida, organizada em torno de seus estudos, girava como um relógio que nunca parava, mas ele sabia que, por dentro, algo estava se quebrando.

Morava sozinho há três anos em um apartamento minúsculo, a poucos quarteirões da universidade, escolhido pela proximidade conveniente ao campus e pela promessa de silêncio — um silêncio que ele havia desejado

para se concentrar, mas que, com o tempo, começou a parecer mais uma espécie de isolamento opressivo. O apartamento, de paredes pálidas e sem decoração, era tão funcional quanto estéril. Nada ali refletia sua personalidade. A única presença viva no espaço era ele, e mesmo isso parecia, em muitos dias, apenas um espectro de quem ele costumava ser.

A mesa de estudos, localizada no canto da sala, era o coração daquele lugar. Empilhada com livros técnicos, anotações espalhadas, e protótipos de circuitos em desenvolvimento, ela era um monumento à sua dedicação, mas também um lembrete silencioso daquilo que ele havia sacrificado. Seus colegas de curso o respeitavam, admiravam sua capacidade de compreender conceitos complexos com facilidade, mas havia uma distância entre eles

e ele. Eles saíam para beber no final da semana, falavam sobre namoros e finais de semana com a família, enquanto Márcio permanecia recluso, agarrado aos seus livros, aos seus projetos.

Seus pais, embora orgulhosos de suas conquistas, mantinham uma relação fria e distante com ele. Desde criança, Márcio fora o prodígio. O garoto que solucionava problemas de matemática avançada ainda no ensino fundamental, que deslumbrava professores com sua capacidade precoce de entender física e eletrônica. Sempre houve um certo orgulho neles, uma satisfação por terem criado alguém excepcional. Mas com o passar dos anos, esse orgulho tomou a forma de uma exigência silenciosa. Havia poucas conversas que não giravam em torno dos resultados de Márcio. Se ele mencionava um exame, a primeira

pergunta de sua mãe era sempre: "Como foi? Tirou a melhor nota?", enquanto seu pai apenas murmurava um "Muito bem, filho" com uma expressão de aprovação distante. As interações eram formais, quase mecânicas.

A desconexão com os pais era como um abismo que aumentava à medida que Márcio crescia. A admiração deles nunca veio com uma verdadeira compreensão do que ele estava passando. Eles o viam apenas como a máquina de conquistas que eles ajudaram a moldar. Por trás do orgulho, havia uma expectativa velada de que ele continuasse sendo a joia da família, alguém destinado a alcançar tudo aquilo que eles mesmos nunca tiveram a oportunidade de alcançar. Márcio sabia disso. Sentia isso em cada ligação breve, em cada troca de olhares quando visitava a casa deles nos raros feriados em que se permitia ir. O problema era que ele

não se sentia mais parte da família. Ele era uma peça de exibição, alguém cujo valor era medido em notas, medalhas e prêmios, mas não em sentimentos ou relações verdadeiras.

Havia momentos em que Márcio se perguntava como seria ser visto de outra forma. Não como o "gênio" que estava destinado a grandes feitos, mas apenas como um filho, um irmão, um amigo. Alguém que pudesse falhar sem que isso parecesse o fim do mundo. Mas a cada pensamento desse tipo, ele logo se culpava. Havia uma voz dentro de sua mente, uma voz moldada pelos anos de expectativas externas e internas, que o lembrava de que ele não tinha o luxo de vacilar. Ele era especial. E pessoas especiais não decepcionam.

Essa sensação de responsabilidade era sufocante. Ele sabia que a pressão era, em

parte, autoimposta. Márcio não se permitia descansar porque, desde pequeno, aprendera que seu valor vinha de suas realizações. Não importava o quanto ele sentisse a ausência de uma vida social, de momentos triviais com os pais ou amigos. O que importava era manter a imagem de perfeição que o mundo ao seu redor esperava.

Esse sentimento o acompanhava em todos os aspectos da sua vida. Ele se lembrava de uma conversa que tivera com seu pai quando tinha 16 anos, pouco antes de entrar na faculdade. Era o momento de escolher seu caminho, e, embora Márcio tivesse uma paixão genuína por engenharia elétrica, havia outras opções, outros interesses que ele nunca explorou de verdade. Naquela noite, ao expressar alguma hesitação sobre seguir um

caminho tão rígido, o pai o interrompera com um tom firme e quase indiferente: “

O Encontro

Márcio hesitou por um segundo antes de abrir completamente a porta. Ao fazê-lo, encontrou-se frente a frente com um senhor de aparência frágil, por volta dos seus 80 anos. A visão daquele homem, parado ali à sua porta no meio da madrugada, era tão fora do comum que Márcio precisou de alguns segundos para processar. O homem vestia um casaco surrado, com o colarinho um pouco amarrotado, como se tivesse feito uma longa caminhada. Sua postura era ligeiramente encurvada, e ele apoiava-se em uma bengala simples de madeira. No entanto, o que mais chamou a atenção de Márcio foram seus olhos.

Os olhos do velho, sob sobranceiras grisalhas e pesadas, estavam fixos em Márcio com uma intensidade que o fez recuar meio passo involuntariamente. Não eram olhos comuns. Eles

tinham algo de profundamente familiar, quase como se ele estivesse olhando para uma versão muito mais antiga de si mesmo. Havia um cansaço profundo neles, mas também uma espécie de urgência e sabedoria. Algo além do tempo, como se aqueles olhos já tivessem visto muito mais do que qualquer pessoa comum poderia imaginar.

O silêncio entre os dois se estendeu por um momento, como se o velho estivesse esperando que Márcio se acomodasse ao choque inicial antes de falar. Quando finalmente abriu a boca, sua voz saiu baixa e rouca, mas surpreendentemente firme, carregada de uma gravidade que deixava claro que ele não estava ali por acaso.

— Você é Márcio, não é? — O homem perguntou, com um tom que não parecia tanto uma pergunta, mas uma confirmação, como se ele soubesse a resposta desde o momento em que chegou.

Márcio sentiu um frio subir pela espinha. Como aquele homem sabia seu nome? Havia algo nele que parecia... errado. Não ameaçador, mas desconcertante. A situação toda era surreal: uma pessoa desconhecida, no meio da madrugada, batendo à sua porta com um ar de quem carregava segredos profundos. Ele sentiu o impulso de fechar a porta e esquecer aquilo, mas a curiosidade – e talvez algo mais – o fez ficar.

— Sim, sou eu. Quem é você? O que está fazendo aqui a essa hora? — respondeu Márcio, tentando soar firme, mas sentindo sua voz tremer ligeiramente.

O velho respirou fundo, e Márcio percebeu, pela forma como ele inclinava levemente a cabeça ao falar, que cada palavra parecia cuidadosamente escolhida, como se houvesse muito em jogo.

— Meu nome... não importa agora. O que importa é o recado que tenho para você, Márcio.

— Ele fez uma pausa, deixando as palavras pairarem no ar antes de continuar, com uma expressão grave. — Eu sei quem você é, muito mais do que você imagina. E sei o que está para acontecer na sua vida.

Márcio arqueou as sobrancelhas, confuso e cético. A situação parecia cada vez mais absurda. Ele estava tão cansado que por um momento considerou a possibilidade de estar tendo algum tipo de alucinação. Um estranho à porta, falando de sua vida como se fosse uma questão de vida ou morte? Ele quase riu da situação, mas o olhar do velho o fez parar.

— O que você quer dizer com isso? — perguntou Márcio, sua confusão agora misturada com um leve desconforto. — Como você pode saber algo sobre mim?

O velho olhou diretamente nos olhos de Márcio, e nesse momento, algo no ar entre eles mudou. Havia uma seriedade esmagadora naquele olhar, como se ele estivesse prestes a revelar um segredo que mudaria tudo.

— Eu conheço você porque... eu sou você.
— As palavras saíram do velho em um sussurro profundo, quase solene.

Aquelas quatro palavras fizeram o mundo de Márcio parar. Por um instante, ele ficou imóvel, com o coração batendo rápido no peito. Não sabia se havia ouvido corretamente. Como assim, "eu sou você"? Era um delírio? Um truque de algum tipo? Sua mente exausta tentava desesperadamente encontrar alguma lógica no que acabara de ouvir.

— Isso é algum tipo de piada? — perguntou Márcio, a voz mais dura do que pretendia. — Você

acha que pode chegar aqui no meio da noite e me dizer que... — ele parou, ainda tentando processar.
— Como isso é possível?

O velho suspirou, sua expressão ficando ainda mais pesarosa, como se soubesse o quão difícil seria convencer Márcio da verdade. Ele deu um passo à frente, apoiando-se mais na bengala. Agora, ainda mais próximo, Márcio notou detalhes sutis que o deixaram ainda mais desconcertado: o contorno do maxilar, a estrutura do nariz, pequenas cicatrizes no rosto — eram detalhes estranhamente familiares.

— Eu sei que é difícil acreditar — disse o velho, sua voz agora mais suave, quase gentil. — Mas não vim aqui para confundir você. Vim para te avisar... sobre o que está para acontecer. Uma tragédia. Uma que você pode evitar.

A palavra "tragédia" pairou no ar como uma ameaça silenciosa, mas poderosa. Márcio sentiu uma pontada de medo se instalar no fundo de sua mente. Ele não conseguia explicar por que, mas algo no tom do velho ressoava como verdade. E, ao mesmo tempo, a irracionalidade daquilo tudo o deixava ainda mais confuso.

— Evitar? — Márcio perguntou, tentando manter o controle da situação. — Evitar o quê? E como você espera que eu acredite que você... sou eu? Isso não faz sentido.

O velho assentiu lentamente, como se já esperasse a incredulidade de Márcio.

— Eu entendo. Sei que parece absurdo agora. Eu também não acreditaria se estivesse no seu lugar. — Ele fez uma pausa, escolhendo as palavras com cuidado. — Mas ouça: as decisões que você está prestes a tomar nos próximos dias

vão mudar tudo. Não só a sua vida, mas a vida de seus pais também. E se você seguir o caminho que está pensando em seguir, isso vai levar à perda de algo que você não poderá recuperar.

Márcio sentiu um aperto no peito. "Meus pais?", ele pensou. Algo começou a se agitar dentro dele, uma ansiedade crescente que até então estava adormecida sob o cansaço cotidiano. Era possível que aquilo fosse real? E se fosse verdade? Por mais ilógica que a situação parecesse, havia algo no olhar daquele homem — o olhar de alguém que já passou por aquilo que Márcio ainda estava para enfrentar — que o impedia de simplesmente dispensá-lo.


— Eu vim do futuro, Márcio — continuou o velho, percebendo o leve abalo na resistência de seu interlocutor. — E viajei até aqui porque, apesar de todo o conhecimento que você vai adquirir, apesar das descobertas brilhantes que você vai

fazer, há coisas que você não pode controlar. Há consequências que você não vê agora, mas que vão te destruir... e a quem você ama.

A mente de Márcio girava. Ele queria gritar que nada daquilo fazia sentido. Que era impossível. Mas uma parte de si, a parte que sempre questionava a realidade e explorava os limites do que era possível com a ciência, não conseguia simplesmente ignorar o que estava acontecendo.

O velho deu um passo mais próximo, e sua expressão suavizou um pouco. Havia uma tristeza imensa em seus olhos, uma tristeza que Márcio mal podia compreender naquele momento.

— Eu não estou pedindo para você acreditar em mim cegamente — disse o velho, quase em um sussurro. — Só estou pedindo que você preste



atenção. Preste atenção nas escolhas que você faz a partir de agora. Porque o futuro... está em jogo.

Márcio ficou parado, sem palavras.